

3

PNEUMATOLOGIA *CRUCIS* E O SOFRIMENTO: TEOLOGIA DO ESPÍRITO À SOMBRA DA CRUZ

Fernando Albano¹

RESUMO

O objeto deste artigo é a pneumatologia pentecostal em diálogo com a teologia da cruz. Os objetivos deste trabalho consistem em: estabelecer relações do Espírito Santo com o sofrimento humano; conceber uma pneumatologia interligada com a teologia da cruz que possa contribuir para a superação do triunfalismo religioso. A metodologia utilizada será de natureza bibliográfica, acessando textos pentecostais em diálogo com a teologia de Martin Lutero. No pentecostalismo há certa postura triunfalista, associado ao seu grande crescimento numérico e presença midiática. A dimensão de serviço cristão, bem como a cruz de Cristo e suas implicações para fé, têm sido esquecida no discurso pentecostal. Sendo assim, sua pneumatologia precisa de uma melhor ligação com a cristologia, especialmente com a teologia da cruz. É necessária a teologia do “Jesus crucificado” e, assim, superar o triunfalismo, tornando-se sensível a ideia de que o sofrimento faz parte da vida humana. Não sendo, necessariamente uma consequência de falta de fé, como amiúde se afirma.

Palavras-chave: Pneumatologia; pentecostalismo; sofrimento; cruz; Cristo.

¹ Licenciado em Ensino Religioso (UNIVILLE/SC), Bacharel em Teologia (livre) – Faculdade Refidim/SC. Mestre em Teologia (EST/RS), doutorando em Teologia na mesma instituição; bolsista da Evangelisches Missionswerk da Alemanha. Membro do RELEP – Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais e do Grupo de Pesquisa Teologia Pública em Perspectiva Latino-americana. Coordenador da Azusa: revista de estudos pentecostais/Faculdade Refidim (SC) e Professor de Teologia na Faculdade Refidim (SC). Contato: fernando@ceeduc.edu.br.

ABSTRACT

The objective of this article is the Pentecostal pneumatology in dialogue with the theology of the cross. The objectives of this work consist in: establishing relations of the Holy Spirit with human suffering; conceiving a pneumatology interconnected with the theology of the cross that can contribute to the overcoming of the religious triumphalism. The methodology utilized will be of bibliographical nature, accessing Pentecostal texts in dialogue with the theology of Martin Luther. In Pentecostalism there is a sort of triumphalist posture, associated to its great numerical growth and media presence. The dimension of the Christian service, as well as the cross of Christ and its implications to faith, has been forgotten in the Pentecostal speech. This way, its pneumatology needs a better connection to a Christology, especially with the theology of the cross. The theology of the “crucified Jesus” is necessary to, consequently, overcome the triumphalism, by becoming sensible to the idea that suffering is part of the human life. Not being, necessarily, a lack of faith, as it is often affirmed.

Key-words: Pneumatology; pentecostalism; suffering; cross; christ.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como eixo central a cruz de Cristo, como fundamento de uma pneumatologia pentecostal, sensível ao sofrimento humano.

A experiência pentecostal do Espírito Santo, frequentemente está vinculada a bênçãos, curas e vitórias; levado ao extremo essa postura triunfalista, tende a provocar insensibilidade em relação ao sofrimento das pessoas. Portanto, é necessário resgatar a dimensão de serviço em favor do outro, solidariedade para com o sofrimento humano, bem como os sofrimentos do seguimento de Cristo (elementos da teologia da cruz) (Mc 8.34; Lc 22.27).

Sendo assim, realizar-se-á, um diálogo com a teologia da cruz, a partir de alguns dados bíblicos e principalmente com Martin Lutero, cujos escritos oferecem uma boa percepção da cruz de Cristo e suas implicações para a teologia e comunidades cristãs.

O autor parte da premissa, de que a teologia da cruz pode ser um bom conteúdo, para a pneumatologia pentecostal, pois não há uma fundamentação teológica consistente que considere a questão do sofrimento na pneumatologia pentecostal.² Não existe uma pneumatologia embasada naquilo, que Bonino descreve como: “A afirmação do poder de Deus no não-poder dos sacrificados da terra; o chamado à “resistência” (à hypomone) aos poderes escravizantes deste mundo e o anúncio do triunfo final do rei crucificado.”³ Portanto, deduz-se que a pneumatologia pentecostal, carece de uma melhor ligação com a cristologia, especialmente com a cruz de Cristo.

Teólogos pentecostais americanos, como Kärkkäinen, Smail e Anderson reconhecem a necessidade de se redescobrir a teologia da cruz no pentecostalismo moderno.⁴ Green acredita que os pentecostais não tem desenvolvido uma teologia adequada para a compreensão do sofrimento, em grande parte, por não fundamentar a base epistemológica da sua reflexão teológica em Jesus Cristo e sua experiência.⁵

² No aspecto prático o pentecostalismo clássico em seus primórdios, sempre associou o Espírito Santo ao sofrimento humano, destacava o papel do Espírito como consolador dos crentes. Evidentemente, que essa verdade era mais de caráter prático e pastoral do que teoria teológica. Em situações de sofrimento das pessoas da comunidade, costumava-se ensinar: _ “Espera em Deus; confia em Deus, pois Ele está com você nesta situação.” Atualmente, por conta da influência da teologia da prosperidade, do neopentecostalismo sobre o pentecostalismo clássico, essa postura vem mudando, de tal modo que hoje se costuma ensinar em ambientes pentecostais: _ “Pare de sofrer agora!”; _ “Determine a sua bênção”. Também o sofrimento é frequentemente entendido como resultante da falta de fé.

³ BONINO, José Miguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 73.

⁴ Cf. GREEN, Chris. The crucified God and th groaning Spirit: toward a pentecostal theologia crucis in conversation with Jürgen Moltmann. In: JOURNAL OF PENTECOSTAL THEOLOGY. v. 19, n. 1, 2010. p. 129.

⁵ GREEN, Chris. The crucified God and th groaning Spirit: toward a pentecostal theologia crucis in conversation with Jürgen Moltmann. In: JOURNAL OF PENTECOSTAL THEOLOGY. v. 19, n. 1, 2010. p. 129.

Uma melhor compreensão do Espírito de Deus interligado com a teologia da cruz poderia contribuir para reorientar o movimento pentecostal? Tendo essa questão chave em mente é que se pretende esboçar uma pneumatologia *crucis*⁶, isto é, uma reflexão teológica que considera o Espírito em sua relação com Cristo em seus sofrimentos, especialmente no ápice de suas aflições, a saber, na cruz do calvário. A partir disso, proporcionar um maior reconhecimento da presença do Espírito no sofrimento humano e perceber sua ajuda em diferentes contextos, onde há dor e ameaça à vida. Assim, perceber o Espírito para além das formas espetaculares de ação na vida humana.

Para tanto, o presente trabalho, na primeira parte apresenta uma breve descrição do perfil da pneumatologia pentecostal, face ao sofrimento humano. A segunda parte aborda sobre a teologia da cruz, presente no Novo Testamento, e dialoga com as percepções da cruz de Cristo feita pelo reformador protestante Martin Lutero. Procura-se relacionar as implicações da teologia da cruz para a pneumatologia pentecostal e, desse modo fazer um esboço de uma pneumatologia *crucis* que contribua para a renovação do seu movimento, assim como uma maior empatia e solidariedade para com os que sofrem.

1 PNEUMATOLOGIA PENTECOSTAL: ENTRE A CRUZ E O PODER

Tratar da pneumatologia pentecostal em interface com a teologia da cruz requer um levantamento, ainda que breve do perfil pentecostal, e assim, perceber convergências e divergências da sua pneumatologia com a cruz de Cristo.

⁶ *Pneumatologia crucis*. Esta expressão é usada pelo teólogo Jürgen Moltmann em: MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998.

O pentecostalismo⁷ chegou ao Brasil no início do séc. XX, proveniente dos Estados Unidos e onde teve início, através dos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren. Estes fundaram a denominada “Igreja Evangélica Assembléia de Deus”, a maior representante do chamado pentecostalismo “clássico”.

Como é amplamente reconhecido, no pentecostalismo há uma evidente ênfase na pessoa do Espírito⁸ Santo. No seu poder, no batismo no Espírito Santo, dons do Espírito, ações do Espírito, etc.⁹ Convém, destacar que, na realidade teológica e eclesial do Ocidente o Espírito Santo estava esquecido, ocupando papel secundário, geralmente atrelado à iluminação da Escritura, conforme ensina o protestantismo, ou vinculado quase de modo exclusivo nos elementos sacramentais da missa católica. É no movimento pentecostal que o Espírito Santo ocupará papel de destaque, atraindo também a atenção das igrejas e das mais diferentes vertentes teológicas.

⁷ O pentecostalismo é um movimento cristão oriundo do protestantismo evangélico que afirma a importância da experiência com o Espírito Santo, iniciada pelo batismo no Espírito Santo e confirmada pelos dons de falar novas línguas. Entre suas principais características pode-se destacar: ênfase na espiritualidade e nos dons espirituais, nova dinâmica litúrgica, a intensa atividade de leigos na expansão e administração das comunidades pentecostais. O termo pentecostalismo provém de “Pentecostes”, conforme descrito no capítulo 2 do livro dos Atos dos apóstolos.

⁸ Nas Escrituras, tanto hebraicas quanto gregas, os termos: “ruach que aparece cerca de trezentas e setenta e oito vezes no Antigo Testamento, e “pneuma” em torno de trezentas vezes no Novo Testamento, correspondem ao termo latino “spiritus” de onde procede o vocábulo “espírito”. O termo pode significar desde “ar”, “vento”, “fôlego”, “sopro”, “espírito”, na qualidade de “ser pessoal”, até “espírito”, no sentido de inclinação, como por exemplo “espírito crítico”, “corpo espiritual ou do espírito”, referindo-se à própria natureza do indivíduo e à essência do corpo glorificado. Cf. HARRIS, R. Laird. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1736. BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Campinas: LPC, 1990. p. 96.

⁹ Cf. WYCKOFF, John. O batismo no Espírito Santo. In: HORTON, Stanley (Ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997. p. 431-463.

Além disso, os primórdios do pentecostalismo podem ser compreendidos, em parte, como uma espiritualidade marcada pela cruz, isto é, como um envolvimento com os crucificados da terra, os pobres e excluídos do mundo.¹⁰ Espiritualidade pentecostal que passa pela cruz, como ênfase na morte de Jesus como expiação a Deus, assim como na identificação da práxis pentecostal com gente sofrida. O hino pentecostal que celebra a cruz é um bom exemplo dessa realidade:

Rude cruz se erigiu
 dela o dia fugiu
 como emblema de vergonha e dor
 Mas contemplo essa cruz
 porque nela Jesus deu a vida por mim pecador
 Sim eu amo a mensagem da cruz
 Té morrer eu a vou proclamar
 Levarei eu também minha cruz,
 Té por uma coroa trocar
 Desde a glória dos céus
 o cordeiro ao calvário humilhante baixou
 Essa cruz tem pra mim atrativos sem fim
 Porque nela Jesus me salvou
 Nesta cruz padeceu e por mim já morreu
 Meu Jesus para dar me o perdão
 Mas me alegre na cruz dela vem graça e luz
 Para minha santificação
 Eu aqui com Jesus, a vergonha e a dor
 Quero sempre levar e sofrer
 Cristo vem me buscar
 E com ele no lar uma parte da glória ei de ter.¹¹

O batismo no Espírito Santo é entendido como um revestimento de poder para testemunhar a fé em Cristo, em meio aos sofrimentos da condição marginal de vida, em que se encontram a maioria dos integrantes das comunidades pentecostais. É a força que permite viver em esperança

¹⁰ Cf. CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 159-164.

¹¹ Harpa Cristã.

em meio ao sofrimento.¹² Nas línguas estranhas (evidência do batismo), as vozes silenciadas, dos sofridos são expressas de modo ininteligível, muitas vezes como verdadeiro gemido da alma diante de Deus. Assim, pessoas que não possuíam voz na sociedade, ou tinham as mesmas sufocadas pela violência e alienação social, no espaço litúrgico podem se expressar, na certeza de serem ouvida por Deus e por seus irmãos de fé. Portanto, há lógica na aparente irracionalidade das “línguas estranhas”.

Os pentecostais enfatizam o Espírito Santo, mas não se pode esquecer que a mensagem pentecostal é de algum modo cristocêntrica, pois o lema pentecostal conhecido diz: “Jesus salva, Jesus cura, Jesus batiza no Espírito Santo e Jesus voltará.” Portanto, sua experiência de fé encontra-se na dimensão do Espírito, com uma mensagem focada em Jesus Cristo. Atribuem à presença do Espírito Santo em Jesus Cristo, como a causa de seus milagres e demonstrações de poder sobre os espíritos maus e doenças. Jesus é concebido como modelo de alguém que é cheio do Espírito e, portanto, de poder para interferir na vida das pessoas, promovendo vida e libertação.

Portanto, o pentecostalismo em sua identidade originária carrega as marcas da cruz, junto com a glória de uma nova vida, animada pela esperança de dias melhores. É uma fé singela que ajuda a vida de inúmeras pessoas, que encontram na mensagem pentecostal, o rosto de um Deus próximo na pessoa do Espírito Santo.

1.1 A cruz e o triunfalismo pentecostal

Frequentemente, os pentecostais da atualidade apresentam uma postura triunfalista, ligado à sua experiência do Espírito Santo. Isso pode ser identificado já nos primórdios do discurso pentecostal, contudo, como se verá, foi aumentado por uma série de fatores.

¹² Cf. CESAR; SHAULL, 1999, p. 246-248.

Primeiramente, por influência da sociedade individualizada e pelos ensinamentos da teologia da prosperidade, o pentecostalismo tem aderido ao discurso religioso focado no indivíduo e na teologia do sucesso. Por outro lado, reconhece-se que o protestantismo (de onde também procede o pentecostalismo), de modo geral, possui um perfil mais individualista, quando comparado com o catolicismo, por exemplo, pois cada um em particular deve ser justificado mediante sua fé em Cristo. Não é a simples adesão à Igreja ou pertença a uma denominação cristã que salva o sujeito, mas sua fé particular, ou seja, sua confiança em Cristo e decisão de segui-lo. O foco encontra-se na atitude do indivíduo. Contudo, o neopentecostalismo levou o individualismo protestante às últimas consequências, praticamente o senso de comunidade e partilha tem sido apagado do seu sistema religioso, e isso está entrando no pentecostalismo clássico.

Pode-se constatar o individualismo pentecostal nas seguintes expressões: “Vim receber minha bênção”; “receba sua vitória” ou ainda, “Deus tem uma grande obra em minha vida”. Assim, o indivíduo é situado em primeiro plano em detrimento da comunidade. É como se o Espírito Santo tivesse compromisso exclusivo com o indivíduo. Nesse sentido o pentecostalismo segue a tendência da sociedade atual. Sociedade esta que Zygmunt Bauman rotulou de “sociedade individualizada”.¹³

Em segundo lugar, com o passar do tempo, conforme foi crescendo numericamente¹⁴ e rejeitando o devido aprofundamento teológico,

¹³ BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

¹⁴ No último censo do IBGE realizado em 2010, o número dos pentecostais chega a impressionantes 25,4 milhões.

BARTZ, Alessandro; BOBSIN, Oneide; SINNER, Rudolf von. Mobilidade religiosa no Brasil: conversão e trânsito religioso. In: REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf von (Orgs.) *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2012. p. 231-268. à p. 241.

associado às melhores condições de vida de muitos dos seus membros (integrantes da nova classe média brasileira, ou classe C) o poder do Espírito Santo passou a ser associado ao sucesso na vida. As línguas estranhas que eram sintomas de libertação pessoal e de êxtase religioso, tem sido relegadas as igrejas em contexto de periferia. Surge uma crescente institucionalização do pentecostalismo brasileiro. Lutas de poder entre os seus mais conhecidos pastores são expostas na mídia. Muitos pastores pentecostais têm aderido explicitamente à teologia da prosperidade.¹⁵ Portanto, pode-se inferir que, a teologia da cruz tem sido deslocada da fê pentecostal.

A partir dessa prática religiosa divorciada da cruz e do senso comunitária que ela evoca, o que resta é a ausência de lutas comunitárias. Busca-se uma bênção individual. Individualmente abençoado, o indivíduo sente-se satisfeito. O poder do Espírito é assim desejado para atender demandas individuais. Este comportamento repercute em comportamentos éticos-sociais.

Como Moltmann observa: “A verdadeira espiritualidade não pode ser uma experiência solitária, egoísta, pois cada indivíduo existe no tecido

¹⁵ O pentecostal Pommerening corrobora a influência neopentecostal sobre o pentecostalismo clássico: “Apesar da liderança principal da Assembleia de Deus no Brasil se considerar teologicamente monolítica, cada vez mais se está caminhando para uma neopentecostalização do pentecostalismo, pois, como a maioria dos líderes não tem formação teológica, acabam não tendo sustentação teórica para discernir, criticar ou diferenciar uma da outra. Embora o discurso seja de contrariedade ao neopentecostalismo a prática litúrgica e pastoral sempre mais evidencia a assimilação destas tendências”. POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalismo líquido: fluidez teológica entre os pentecostalismos. In: AZUSA: revista de estudos pentecostais. n. 1, v. 4. Joinville: Refidim, 2013. p. 11. Esse reconhecimento também ocorre por parte das maiores lideranças da Assembleia de Deus no Brasil. No manifesto pentecostal ocorrido de 26 a 28 de agosto do ano de 2010, na cidade de Campinas/SP, intitulado “Carta de Campinas” – (CGADB), reconhece-se: “o fato lamentável é que as verdades espirituais do movimento pentecostal têm sido substituídas por artifícios baratos e ensinamentos de modismos e inovações. Tais perigos ameaçam nossa práxis teológica. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/integra.php?s=12&i=4330>> Acesso: 9 jul. 2013.

de relações sociais e políticas”.¹⁶ Manifestações pragmáticas e experimentalistas, onde o indivíduo é o centro das atenções é séria distorção da experiência no Espírito Santo e da teologia da cruz. É a experiência do poder sem a cruz. Além disso, tal prática reforça tendências seculares, como um tipo de individualismo que se encaixa perfeitamente em um modelo de economia de mercado, do tipo capitalismo selvagem.

Individualismo, ênfase na figura de líderes carismáticos e triunfalismo religioso que valoriza o poder econômico ou que percebe a ação de Deus apenas em contextos de vitória, mas encontra dificuldades para discernir a presença consoladora do Espírito, nos pobres, oprimidos e pecadores, coloca em xeque a cruz de Cristo.

Alguns dados bíblicos contrariam uma atitude ufanista frente à vida, como se percebe em comunidades pentecostais. Como exemplo, pode-se citar o relato dos Evangelhos, onde se observa o seguinte: o Espírito que concedeu poder para Jesus efetuar sinais miraculosos, também o conduziu ao deserto para ser tentado pelo Diabo (Mt 4.1-11). O deserto na Bíblia, entre outras coisas é metáfora que alude a provações, ameaça à vida, sofrimentos, etc. Parece impensável, atribuir-se ao Espírito essa ação _ conduzir Jesus ao deserto e para ser tentado, mas é exatamente assim que está escrito na Bíblia. Com isso pode-se perguntar: será que o Espírito Santo não estava presente na vida de Jesus em seus momentos de fraqueza e dificuldades? O Espírito não se identifica com as fraquezas humanas, mas apenas com demonstrações de poder?

Paulo disse que o Espírito geme com gemidos inexprimíveis. Geme porque a criação ainda não foi plenamente reconciliada (Rm 8.23-27); muitos estão imersos em sofrimentos, injustiças e misérias. O Espírito Santo, assim como Jesus em sua compaixão pelas multidões, igualmente

¹⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o espírito santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 90.

tem compaixão do mundo, marcado pelo individualismo, injustiça e desamor. Logo, o Espírito Santo pode ser encontrado em contextos de fracasso e fragilidade extrema. O Espírito repousa na cruz.

2 O ESPÍRITO SANTO E A TEOLOGIA DA CRUZ

Este tópico trata de modo mais específico da teologia da cruz e suas implicações para a teologia do Espírito Santo. Estabelece diálogo com Martin Lutero, que oferece um importante aporte para uma pneumatologia *crucis* em perspectiva pentecostal.

A expressão “pneumatologia *crucis*”, parte da ideia de que o Espírito Santo se faz presente nos sofrimentos de Cristo, e principalmente lhe concede forças do amor para suportar a afronta e encarar a terrível morte de cruz. Como afirma o autor aos Hebreus: “[...] que pelo *Espírito eterno se ofereceu de forma imaculada a Deus.*”(Hb 9.14). Daí, a expressão pneumatologia *crucis* como a cunhou Moltmann.¹⁷

A teologia do Espírito em perspectiva pentecostal, tão frequentemente associada ao poder, glória e sucesso, pode desenvolver uma abordagem do Espírito imergido na cruz, não apenas do Cristo, mas de toda a humanidade. O Espírito como presença de Deus no mundo, pode ser reconhecido como a expressão divina da compaixão para com os sofridos da terra. Afinal, o Espírito procede do Cristo crucificado e ressurreto. O Espírito Santo está no poder da afirmação da vida e também no não-poder dos que encontram-se com a existência ameaçada pelos poderes da morte.

Conforme foi mencionado anteriormente, a pneumatologia pentecostal pode ser relacionada à chamada teologia da glória, ou ainda, a

¹⁷ MOLTSMANN, 1998, p. 75.

uma teologia do poder, de natureza um tanto triunfalista que pretende conhecer Deus e fundamentar a fé cristã pelas obras visíveis de Deus. Por obras de caráter miraculoso e excepcional. Um bom exemplo são as curas, o falar em línguas estranhas, o êxtase, as bênçãos e vitórias (geralmente econômicas) e a alegria no momento do culto.

Evidentemente, não se pretende afirmar que tais elementos pentecostais são de natureza negativa, porém, quando não mitigados pela teologia da cruz, podem se tornar uma religiosidade alegre e vitoriosa, mas insensível para com o sofrimento do mundo. Uma teologia que reconhece Deus somente na afirmação do poder é excessivamente unilateral. Cabe ressaltar que, o Espírito Santo é o Espírito de Jesus, é o Espírito da cruz, é o Deus que se revela, sobretudo, na fraqueza e dor, essa dimensão não pode ser esquecida. O Espírito, certamente, está presente na *kenosis*, “esvaziamento” de Cristo (Fl 2.5-8). Desse modo, o Espírito ao encher pessoas com sua presença, promove o esvaziamento dos seus egos e aumenta a sensibilidade destas para com os sofridos.

2.1 A teologia da cruz

A teologia da cruz está presente na Bíblia e na tradição protestante. Entre os autores do Novo Testamento, Paulo, o apóstolo é o que mais se ocupa com o tema. Para Paulo a cruz de Cristo é sinal de contradição, um verdadeiro escândalo: a loucura de um Deus humilhado (1 Co 1.18). Em Jesus, o poder de Deus se manifesta no sofrimento e na fragilidade.

A teologia de Paulo, parte da realidade das comunidades cristãs, que ele presta assistência. Possui um aspecto fortemente apologético, pois ele enfrenta desde o escárnio dos gregos, até a perseguição da parte dos judeus. Diante desse cenário, Paulo anuncia o Evangelho, a mensagem da cruz. Para citar um exemplo: Em 1 Coríntios, no capítulo 1.18-31, o apóstolo Paulo afirma que a sabedoria e o poder de Deus para salvar se

manifestam na morte de Cristo na cruz. Com isso ele pretende contrariar a vanglória e afirmações de poder humano, presentes na comunidade de Corinto.

Nessa comunidade havia alguns que davam mais valor ao poder humano do à “fraqueza” de Deus. Paulo revela divisões de natureza antropocêntrica na comunidade e expõe o caráter equivocado delas, porque a salvação pela cruz põe completamente de lado o orgulho humano. Por confiarem na sabedoria humana, os homens rejeitaram a mensagem da cruz, mas Paulo mostra que Cristo crucificado é a verdadeira sabedoria de Deus. Aquilo que parecia ser tolo e fraco, tornou-se sábio e potente para Deus (vs. 26,27).

Forde, teólogo luterano, observa que Paulo pela centralidade da cruz de Cristo opõe-se ao legalismo judaico cristão que fica aquém da cruz (Gálatas). Ele prega o evangelho da liberdade que a cruz traz, da cruz como fim da lei. Em outro caso, prossegue Forde, Paulo combate o perfeccionismo ou arrogante entusiasmo que pensa ter saltado por cima da cruz para uma vida ressurreta já no presente (1 Coríntios). Diante destes, ele prega o “Cristo crucificado” para julgar e aniquilar toda essa presunção. Afinal, os cristãos não podem ser melhores do que seu Senhor crucificado.¹⁸

Para Paulo é por meio do rito do batismo que o cristão “está em Cristo”. Ocorre uma relação de participação mística com a morte e ressurreição de Jesus Cristo. Paulo afirma: “[...] *que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte? Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova.*” (Rm 6.3-4). No batismo, o Espírito Santo atua criando unidade entre os opostos: “*Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E*

¹⁸ FORDE, Gerhard O. A obra de Cristo. In: BRAATEN; JENSON, 2007, p. 33.

a todos nós foi dado beber de um único Espírito.” (1 Co 12.13). Por conseguinte, morte, ressurreição e Espírito estão interrelacionados.

A teologia da cruz como se observa em Paulo, demonstra a alienação da humanidade, e sua superação pela graça de Deus, que exclui as realizações humanas. Isso por obra do amor de Cristo, que se auto-sacrifica na cruz. Na morte e ressurreição de Jesus Cristo, o caráter de Deus, bem como sua salvação são revelados, portanto, de modo paradoxal, louco, numa situação de fraqueza e ingloria (Rm 5.8).

2.2 A teologia da cruz de Lutero

Um dos teólogos que melhor utilizou a teologia da cruz (paulina) como chave epistemológica de seu labor teológico foi o reformador Martin Lutero.¹⁹ Conforme Althaus foi na disputa de Heidelberg, em 1518 que Lutero descreve o verdadeiro caráter da teologia como a teologia da cruz (theologia crucis). O oposto a essa teologia é a teologia da glória (theologia glorieae).²⁰

¹⁹ Martinho Lutero (1483-1546) nasceu em Eisleben, na Saxônia. Em 1505 entrou para a Ordem dos Agostinianos, na qual foi ordenado sacerdote. Considerava Deus como um juiz irado que esperava que os pecadores obtivessem sua própria justiça, cada um por si. Certamente, Lutero temia pela salvação de sua própria alma. Sua relação com Deus era marcada pelo temor, mas sem alegria e nem confiança junto ao trono da graça. Nem papas, nem concílios podiam dar-lhe confiança junto ao tribunal de Deus. A face divina lhe era dura e terrível, no entanto, em 1513 teve uma experiência que o fez mudar de ideia. Lutero descobriu ao ler a carta de Paulo aos Romanos, que o pecador é justificado por meio da fé. Lutero concluiu que na justificação acontece uma “maravilhosa troca”. E a troca acontece em dois sentidos, Cristo no lugar do pecador e o pecador no lugar dele. Cristo sofrendo a morte como um pecador e o transgressor em comunhão com Deus como Cristo, isto é, como se nunca houvesse pecado. Lutero então compreende que somente Deus, pelo sacrifício de seu Filho na cruz, torna justo o pecador. As boas obras do cristão não podem salvar apenas a justificação da graça mediante a fé. Cf. MONDIN, Battista. *Curso de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1981. v. 2, p. 28-29.

²⁰ ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. Canoas: ULBRA, 2008. p. 41.

A teologia da glória quer conhecer Deus por suas obras, poder e sabedoria; a teologia da cruz conhece Deus por seu sofrer e fraqueza. Lutero utiliza-se dos textos do apóstolo Paulo, a saber, Romanos 1.20 e 1Coríntios 1.21s. para descrever as obras de Deus por meio da criação e usa sofrimento para descrever a cruz de Cristo. Lutero amplia o significado dessas passagens aludindo que as obras não são apenas de Deus, mas também das pessoas; e sofrimento é identificado igualmente com o sofrimento das pessoas.

Brandt lembra que, “Lutero chamou a sua teologia de *theologia crucis*, isto é, de teologia do Deus Crucificado e oculto (*absconditus*). Na prática isto significa: ser cristão é seguir em sofrimento o Cristo sofredor e, neste sentido, ser modelado à semelhança de Cristo”.²¹ Westhelle, expõe a questão de modo semelhante: “Lutero usou a expressão “teólogo da cruz” em vez de “teologia da cruz”, indicando preferir a teologia feita do ponto de vista ou da perspectiva da cruz, como uma disposição, a uma teologia sobre a cruz.”²² A implicação prática disso é que para Lutero, a cruz de Cristo e a cruz do cristão são vistas em conjunto; a cruz de Cristo e a cruz do cristão formam uma unidade. O teólogo da cruz não está posicionado como espectador em relação à cruz de Cristo, mas ele próprio é envolvido neste acontecimento.

Gerstenberger e Schrage, teólogos luteranos, escrevem o seguinte sobre o vínculo que há entre os sofrimentos de Cristo e dos cristãos:

[...] paixão e morte de Jesus não devem ser relacionados apenas com as ideias de expiação e vicariato, mas também com o sofrimento e miséria da comunidade no mundo, não tendo, deste ponto de vista, sentido exclusivo, mas inclusivo, prototípico. É o próprio Crucificado que envolve os cristãos no discipulado de seu sofrimento, fazendo participar de seu destino aqueles cujo

²¹ BRANDT, Hermann. *O espírito santo*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 112.

²² WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 121.

sujeito ele próprio se tornou, de acordo com Gl 2.20. Paixão e morte de Jesus, portanto, não apenas um evento salvífico ocorrido *extra nos* (fora de nós), mas se torna atual nos “sofrimentos de Cristo” dos cristãos, que se tornam, por isso, transparentes à paixão de morte de Jesus.²³

A compreensão pentecostal da paixão e morte de Jesus é atingida pela crítica descrita acima. Na teologia pentecostal não se vincula a morte de Cristo com o “sofrimento e miséria da comunidade no mundo”. Isso pode ser constatado ao se verificar duas das principais obras pentecostais divulgadas no Brasil, ou seja, a *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*, editada por Stanley Horton e *Conhecendo as doutrinas da Bíblia* do pentecostal Myer Pearlman. Simplesmente não há nenhuma relação entre a cruz de Cristo e a cruz dos cristãos. A cruz está relacionada unicamente à expiação dos pecados da humanidade.²⁴

Nesse sentido poderá ser útil para a pneumatologia pentecostal, a relação que a teologia da cruz de Lutero faz entre a cruz de Cristo e a cruz dos cristãos. Há uma interessante solidariedade entre Cristo e o sofrimento humano. Por isso Westhelle, a partir dessa percepção luterana, afirma:

O desafio para nós é sermos capazes de discernir, como Lutero fez, os lugares e tempos em que o quebrantamento, a vida ferida, as profundas crises estão recebendo uma operação plástica por parte dos sumos sacerdotes do novo evangelho global [...] Temos que lembrar constantemente o fato de que o corpo ressuscitado carrega consigo os sinais da cruz.²⁵

Por isso, teólogos, pastores e igrejas que partem da cruz em seu labor teológico e prática eclesial, não fogem dos sofrimentos, não os exorcizam, nem entendem as aflições separadas da realidade divina, mas,

²³ GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. *Por que sofrer?: o sofrimento na perspectiva bíblica*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 143.

²⁴ Cf. PECOTA, Daniel B. A obra salvífica de Cristo. In: HORTON, 1997. p. 335-381. PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da bíblia*. São Paulo: Vida, 1970. p. 129-139.

²⁵ WESTHELLE, 2008, p. 72.

pelo contrário, assumem a cruz e a compreendem ligada à própria essência da condição cristã no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação dos pentecostais com a cruz de Jesus Cristo inicia nos seus primórdios. Pessoas pobres que viviam em situação de anomia social sentiram e experimentaram a presença do Espírito de Cristo como um *kairós* na história de suas vidas. O sofrimento vivido os igualava com o Jesus humilde e sofredor e, assim as comunidades pentecostais identificavam-se com ele. Contudo, isso não resultou em simples resignação ante o sofrimento, pelo contrário, o Espírito Consolador foi concebido como o Deus presente, Deus solidário com o sofrimento humano e como poder de superá-lo para a esperança da vinda de Cristo.

Na face do Cristo, servo sofredor, os pentecostais reconheceram a sua própria face. O elemento fundamental é a experiência da cruz: Deus crucificado pela humanidade. Sem a cruz, a experiência pentecostal se torna mera alienação. É necessário lembrar que as mãos que enviam o Espírito são marcadas pela crucificação. A glória emana da cruz, a vitória surge da derrota, o poder surge do não-poder do crucificado.

A imagem do crucificado glorificado que batiza no Espírito Santo concedeu poder e coragem para os integrantes das igrejas pentecostais se tornarem sujeitos da própria vida em contexto sofrido e ameaçador das grandes cidades. Ainda hoje, essas verdades podem renovar o movimento pentecostal, que já apresenta cansaço e forte institucionalização, com uma religiosidade assediada pelos valores do mercado e do sucesso individualista.

Também é possível vislumbrar que a aceitação da teologia da cruz por parte da pneumatologia pentecostal, longe de frear seu dinamismo

interno ou confiança nas intervenções miraculosas de Deus, pode evitar uma dessensibilização para com o sofrimento humano. Uma pneumatologia *crucis* pode contribuir para que o pentecostalismo torne a encontrar sua própria essência, não se deixando levar nem por pessimismo, de quem apenas de maneira resignada suporta o sofrimento, tampouco com uma postura triunfalista que não corresponde com a realidade do mundo sofrido. Na realidade é justamente porque a Igreja caminha no poder do Espírito que ela sofre com Cristo no mundo e em Cristo com o mundo.

A pneumatologia *crucis*, como teologia do Espírito feita à sombra da cruz implica para as comunidades pentecostais e demais igrejas o caminho da cruz que chega à Páscoa e ao Pentecostes. Um não anula o outro, antes se complementam. Esse caminho é da solidariedade e não da vitória individual, reconhece o sofrimento como condição da finitude humana e exclui tanto a resignação quanto a vanglória. Ensina a viver em amor e esperança ativa encontrando na cruz de Cristo o ponto central da fé, da sensibilidade para com os sofridos do mundo, bem como o fundamento cristológico da vida no Espírito.

REFERÊNCIAS

- ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. Canoas: ULBRA, 2008.
- BARTZ, Alessandro; BOBSIN, Oneide; SINNER, Rudolf von. Mobilidade religiosa no Brasil: conversão e trânsito religioso. In: REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf von (Orgs.) *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2012. p. 231-268.
- BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Campinas: LPC, 1990.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BRANDT, Hermann. *O espírito santo*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FORDE, Gerhard O. A obra de Cristo. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds) *Dogmática cristã*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.
- GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. *Por que sofrer?: o sofrimento na perspectiva bíblica*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- GREEN, Chris. The crucified God and the groaning Spirit: toward a pentecostal theologia crucis in conversation with Jürgen Moltmann. In: JOURNAL OF PENTECOSTAL THEOLOGY. v. 19, n. 1, 2010.
- HARRIS, R. Laird. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- JENSEN, Richard A. *O toque do Espírito*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- JENSON, Robert W. O Espírito Santo. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds) *Dogmática cristã*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o espírito santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PEARLMAN, *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1970.
- POHL, Adolf. *Carta aos romanos: comentário esperança*. Curitiba: Esperança, 1998.

POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalismo líquido: fluidez teológica entre os pentecostalismos. In: AZUSA: revista de estudos pentecostais. Joinville: Refidim, 2013. v. 4, n. 1.

WYCKOFF, John. O batismo no Espírito Santo. In: HORTON, Stanley (Ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.